



Princípios e Fundamentos das Ciências da Saúde 3

VANESSA LIMA GONÇALVES TORRES
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Vanessa Lima Gonçalves Torres
(Organizadora)

Princípios e Fundamentos das Ciências da Saúde 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P957 Princípios e fundamentos das ciências da saúde 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Lima Gonçalves Torres. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Princípios e fundamentos das ciências da saúde; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-44-4

DOI10.22533/at.ed.444180110

1. Ciências da saúde. 2. Medicina. 3. Saúde. I. Torres, Vanessa Lima Gonçalves.

CDD 610

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Organização mundial da Saúde define que saúde é um estado do completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças. Atualmente, diversas Campanhas Nacionais estão direcionadas ao atendimento integral deste conceito. Para isto, muitos profissionais são envolvidos: médicos, farmacêuticos, dentistas, psicólogos, fisioterapeutas, enfermeiros, biólogos, biomédicos, educadores físicos. Com uma dinâmica muito grande, a área da saúde exige destes profissionais uma constante atualização de conhecimentos pois a cada ano surgem novas formas de diagnóstico, tratamentos, medicamentos, identificação de estruturas microscópicas e químicas entre outros elementos.

A obra “Princípios e Fundamentos das Ciências da Saúde” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, dividido em II volumes, com o objetivo de apresentar os novos conhecimentos, estudos e relatos nas áreas da Ciência e da Saúde, para os estudiosos e estudantes. Entre os capítulos a abrangência da área fica evidente quando sobre o mesmo assunto temos olhares diferentes por profissionais especializados, a interdisciplinariedade, a tecnologia e o desenvolvimento de técnicas. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos de conhecimentos, reflexões e atualização. Boa leitura e muitos conhecimentos!

Vanessa Lima Gonçalves Torres

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AVALIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DE ANEMIA FALCIFORME ATRAVÉS DE TRIAGEM NEONATAL NO MARANHÃO	
Andrea Karine de Araujo Santiago Rôlmerson Robson Filho Bento Berilo Lima Rodrigues Segundo Dyego Mondego Moraes Guilherme Bruzarca Tavares Luciano André Assunção Barros Raiza Ritiele da Silvia Fontes Robson Ruth Lima de Oliveira Vicente Galber Freitas Viana Raphael Aguiar Diogo Francisca Bruna Arruda Aragão	
CAPÍTULO 2	13
AVALIAÇÃO DA VIABILIDADE DE INSERÇÃO DE UM MAIOR NÚMERO DE MEDICAMENTOS FITOTERÁPICOS NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE DO MUNICÍPIO DE SANTO ÂNGELO/RS	
Bruna Dutra Kelly Helena Kühn Leandro Nicolodi Francescato	
CAPÍTULO 3	27
AVALIAÇÃO DO EFEITO ANTIOXIDANTE DO EXTRATO HIDROETANÓLICO DE <i>Luehea divaricata</i> Mart. EM UM MODELO DE OXIDAÇÃO INDUZIDOS POR PARAQUAT EM CÉREBRO DE RATOS	
Alisson Felipe de Oliveira Gabriela Bonfanti Azzolin Bruna Morgan da Silva Ronaldo dos Santos Machado Viviane Cecília Kessler Nunes Deuschle Josiane Woutheres Bortolotto	
CAPÍTULO 4	38
INTOXICAÇÃO EXÓGENA POR PSICOFÁRMACOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Edina Carla Ogliari Robriane Prosdocimi Menegat Potiguara de Oliveira Paz	
CAPÍTULO 5	49
ACOLHIMENTO EM UM PRONTO ATENDIMENTO HOSPITALAR, RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Carolina Renz Pretto Sabrina Azevedo Wagner Benetti Cátia Matte Dezordi Alcione Carla Meier Juliana Gonçalves Pires Eniva Miladi Fernandes Stumm	
CAPÍTULO 6	57
ASPECTOS DA HABITAÇÃO COMO DETERMINANTES DE SAÚDE-DOENÇA	
Mariana Mendes	

Kethlin Carraro Momade
Ana Lucia Lago
Maria Assunta Busato
Carla Rosane Paz Arruda Teo
Junir Antonio Lutinski

CAPÍTULO 768

ESTUDO DAS CAUSAS DA NÃO ADESÃO DA DOSE DOMICILIAR PELOS PACIENTES HEMOFÍLICOS E PORTADORES DE DOENÇA DE VON WILLEBRAND ATENDIDOS NO HEMONÚCLEO REGIONAL DE FRANCISCO BELTRÃO - PARANÁ

Marlene Quinteiro dos Santos
Zípora Morgana Quinteiro dos Santos
Emyr Hiago Bellaver
Tatiana Takahashi

CAPÍTULO 884

ATENÇÃO À SAÚDE DOS DISCENTES EM INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR

Versiéri Oliveira de Almeida
Sabrina Azevedo Wagner Benetti
Carolina Renz Pretto
Alcione Carla Meier
Andrea Wander Bonamigo

CAPÍTULO 993

DESCARTE E MANUSEIO DE RESÍDUOS EM UM SERVIÇO DE ONCOLOGIA

Isamara Roseane da Costa
Laura Renner Bandeira
Pâmela Naíse Pasquetti
Angélica Martini Cembranel Lorenzoni
Adriane Cristina Bernart Kolankiewicz
Marli Maria Loro

CAPÍTULO 10108

DOENÇAS E RISCOS OCUPACIONAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM UMA UNIDADE DE ORTOPEDIA

Raimunda Santana Torres
Ariadne Siqueira de Araújo Gordon
Euzamar de Araújo Silva Santana
Maria Aparecida Alves de Oliveira Serra
Ismália Cassandra Costa Maia Dias

CAPÍTULO 11122

CONHECIMENTO PRODUZIDO PELA ENFERMAGEM EM RELAÇÃO À SEGURANÇA DO PACIENTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Amarilis Pagel Floriano da Silva
Amanda Pillon Moreira
Juliana Silveira Colomé

CAPÍTULO 12132

INSERÇÃO DE ACADÊMICOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NAS AÇÕES DO

PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA (PSE)

Janaina Barbieri
Andressa Ohse Sperling
Adriana de Fátima Zuliani Lunkes
Paola Elizama Caurio Rocha
Neila Santini de Souza

CAPÍTULO 13 141

PENSAMENTO CRÍTICO A RESPEITO DA PERMANÊNCIA DOS PACIENTES EM SALA DE RECUPERAÇÃO PÓS-ANESTÉSICA

Andressa Peripolli Rodrigues
Rita Fernanda Monteiro Fernandes
Lucimara Sonaglio Rocha
Margot Agathe Seiffert
Neiva Claudete Brondani Machado
Sandra Maria de Mello Cardoso

CAPÍTULO 14 150

HÁBITOS DE HIGIENE BUCAL DE IDOSOS ATENDIDOS EM SERVIÇO DE NEUROLOGIA

Amanda Mayra de Freitas Rosa
Josué Junior Araújo Pierote
Glauber Campos Vale

CAPÍTULO 15 157

HÁBITOS DE HIGIENE BUCAL E ACESSO A SERVIÇOS ODONTOLÓGICOS POR ATLETAS DE UMA CAPITAL BRASILEIRA

Carolina Cobra de Moraes
Josué Junior Araújo Pierote
Jéssica Pinheiro Mota
Larissa Campos Rodrigues Pinheiro
Glauber Campos Vale
Ana Cristina Vasconcelos Fialho

CAPÍTULO 16 165

PREVALÊNCIA DO USO DE PROTETORES BUCAIS E DE TRAUMATISMOS BUCOMAXILOFACIAIS EM ATLETAS DE UMA CAPITAL BRASILEIRA

Larissa Pivoto Ribeiro Pinto
Josué Junior Araújo Pierote
Jéssica Pinheiro Mota
Larissa Campos Rodrigues Pinheiro
Glauber Campos Vale
Ana Cristina Vasconcelos Fialho

CAPÍTULO 17 173

PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DA SAÚDE BUCAL EM PACIENTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS.

Henrique Torres Teixeira
Priscila Regis Pedreira
Josué Junior Araujo Pierote

CAPÍTULO 18	181
DESENVOLVIMENTO FETAL E OBESIDADE INFANTIL: REVISÃO INTEGRATIVA	
Roselaine dos Santos Félix	
Cristiane Brito da Luz Chagas	
Heloisa Ataíde Isaia	
Viviane Ramos da Silva	
Luciane Najar Smeha	
NadiescaTaisa Filippin	
CAPÍTULO 19	194
ANÁLISE DA ADEQUAÇÃO DE RÓTULOS DE ALIMENTOS INFANTIS FRENTE A ROTULAGEM GERAL E NUTRICIONAL	
Jéssyca Alves da Silva	
Bárbara Melo Santos do Nascimento	
CAPÍTULO 20	203
PERFIL DE CONSUMO ALIMENTAR DAS GESTANTES ADOLESCENTES DA REGIÃO SUL DO BRASIL NO PERÍODO DE 2008 A 2014	
Tatiana Honório Garcia	
Ana Rafaella de Padua Lima	
Carla Rosane Paz Arruda Teo	
SOBRE A ORGANIZADORA	215

DOENÇAS E RISCOS OCUPACIONAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM UMA UNIDADE DE ORTOPEDIA

Raimunda Santana Torres

Hospital Municipal de Imperatriz, Enfermeira
Imperatriz, Maranhão

Ariadne Siqueira de Araújo Gordon

Universidade Federal do Maranhão – UFMA,
Enfermeira, Curso de Enfermagem
Imperatriz, Maranhão

Euzamar de Araújo Silva Santana

Universidade Federal do Tocantins – UFT,
Mestranda em Ensino em Ciências e Saúde,
Palmas, Tocantins
Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão
– UNISULMA, Curso de Enfermagem
Imperatriz, Maranhão

Maria Aparecida Alves de Oliveira Serra

Universidade Federal do Maranhão – UFMA,
Enfermeira, Curso de Enfermagem
Imperatriz, Maranhão

Ismália Cassandra Costa Maia Dias

Universidade Federal do Maranhão – UFMA,
Bióloga, Curso de Enfermagem
Imperatriz, Maranhão

RESUMO: O objetivo principal desta pesquisa foi identificar as doenças e os riscos relacionados ao ambiente de trabalho da equipe de enfermagem em uma unidade de Ortopedia. O estudo é descritivo com abordagem quantitativa. Aplicou-se um questionário semiestruturado para 6 enfermeiros e 20 técnicos de enfermagem,

atuantes no setor, nos meses de abril a maio de 2015. Os enfermeiros pesquisados apresentaram maior carga de trabalho semanal, mais de um vínculo empregatício, além de ter mais tempo de experiência profissional em relação aos técnicos de enfermagem. Os profissionais informaram sobre mudanças nos hábitos de vida, com alterações no padrão de sono, alimentação e vida social, e sintomas de fadiga, estresse, desânimo, ansiedade e tristeza. Observou-se que os profissionais não fazem uso de todos os equipamentos de proteção individual, e apontaram a falta de um ambiente adequado como o principal motivo para acidentes de trabalho. Dores musculares, lombalgia, hérnia de disco, bursite, lesão por esforço repetitivo, escoliose, infecção no trato urinário, e hipertensão, foram referidas como patologias decorrentes do trabalho, e causa para o absenteísmo. Os resultados mostram a importância dos fatores ambientais para as condições de saúde da equipe de enfermagem no setor estudado. Os mais atingidos foram os profissionais que tinham duplo vínculo empregatício, maior carga horária e maior tempo de experiência profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças ocupacionais; Riscos; Equipe de enfermagem; Setor de Ortopedia.

ABSTRACT: The main objective of this research

was to identify the diseases and risks related to the work environment of the nursing team in a Orthopaedic Unit. The study is descriptive with a quantitative approach. A semistructured questionnaire was applied to 6 nurses and 20 nursing technicians working in the sector from April to May 2015. The nurses surveyed presented higher weekly workload, more than one employment ties, besides having more time professional experience in relation to nursing technicians. The professionals reported changes in lifestyle, with changes in sleep patterns, eating habits, and social life, and symptoms of fatigue, stress, discouragement, anxiety, and sadness. It was observed that the professionals do not make use of all personal protective equipment, and pointed out the lack of a suitable environment as the main reason for work relative accidents. Muscle pain, low back pain, disc herniation, bursitis, repetitive stress injury, scoliosis, urinary tract infection, and hypertension were all referred to as work related pathologies and cause for absenteeism. The results show the importance of the environmental factors for the health conditions of the nursing team in the studied sector. Those most affected were professionals who had a double employment relationship, a higher workload and a greater amount of professional experience.

KEYWORDS: Occupational diseases; Risks; Nursing team; Orthopaedic Sector.

1 | INTRODUÇÃO

A saúde ocupacional ou saúde do trabalhador refere-se à promoção e à preservação da integridade física do profissional durante o exercício de sua função, detectando por meio da abordagem de prevenção, rastreamento e diagnóstico precoce, agravos à saúde relacionados ao trabalho, além da constatação da existência de casos de doenças profissionais ou danos irreversíveis à saúde do trabalhador (LEITÃO; FERNANDES; RAMOS, 2008).

O trabalhador de enfermagem é visto como o profissional que está mais tempo em contato com o paciente, 24 horas diárias, e executa continuamente as ações de saúde neste, o que o expõe, em maiores proporções, aos riscos, visíveis ou não. Ligados direta ou indiretamente aos riscos do ambiente de trabalho, as principais patologias identificadas para os profissionais de enfermagem são o estresse, Síndrome de Burnout, distúrbios musculoesqueléticos, distúrbios osteomusculares, LER/DORT (Lesão por esforço repetitivo/doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho), depressão, arritmia cardíaca, transtornos mentais e comportamentais (ASCARI; SCHMITZ; SILVA, 2013).

As precárias condições de trabalho a que muitos profissionais de enfermagem se expõem e a própria organização da instituição hospitalar são fatores geradores de desgaste físico e mental, refletindo na vida pessoal do trabalhador e no desempenho de suas atividades laborais, ocasionando atrasos, faltas, descuido com o material e queda na qualidade do trabalho executado, acarretando problemas na organização do trabalho e prejudicando a assistência de enfermagem prestada aos pacientes

(BATISTA; BIANCHI, 2006).

Apesar da problemática dos riscos, doenças e acidentes de trabalho, evidências científicas têm mostrado ainda que os trabalhadores da equipe de enfermagem nem sempre utilizam Equipamentos de Proteção Individual (EPI) (ROBAZZI; MARZIALE, 2004). Segundo a NR 6 (Norma Regulamentadora, 1992), “EPI é todo o utensílio ou dispositivo, de uso individual utilizado pelo trabalhador destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança do trabalhador”, sendo o empregador obrigado a fornecê-lo aos empregados imotivadamente e em perfeito estado de uso, além de treinar os trabalhadores sobre o uso adequado (MARZIALE *et al.*, 2012).

Dessa forma, é importante a equipe conhecer o seu processo de trabalho, fazer a reflexão necessária para a compreensão dele em cada local, seu papel, para o desenvolvimento de uma forma mais criativa de trabalhar que beneficie a si mesmo, o doente e a profissão como um todo (ROBAZZI; MARZIALE, 2004).

De modo geral, os estudos apontam fragilidades na saúde dos trabalhadores inseridos no ambiente hospitalar, variando as doenças laborais e locais de atuação, onde determinadas atividades favorecem o aparecimento de certas patologias (CAMPOS; GUTIERREZ, 2005). Os profissionais da equipe de enfermagem que trabalham na Ortopedia de um Hospital Público do Maranhão cumprem uma carga horária média de 48 horas de trabalho por semana, estando provavelmente expostos a riscos relacionados ao ambiente externo em que trabalham.

Deve-se pontuar, também, que dependendo da categoria profissional, como o enfermeiro e o técnico de enfermagem, as atividades exercidas são diferentes, e, portanto, também os riscos ou a intensidade a eles expostos. Pode-se identificar um conjunto de procedimentos técnicos que caracterizam as atividades rotineiras desses agentes, tais como verificação de parâmetros vitais, administração de medicamentos, cuidados de higiene e conforto aos usuários, mudança de decúbito, troca de acessos venosos periféricos, controle de ingestão e eliminações, e curativos, colocando muitas vezes os profissionais em contato direto com perfurocortantes, substâncias químicas e mesmo com fluidos/secreções (NOGUEIRA, 2002).

Todos estes fatores de riscos podem contribuir para a promoção de doenças físicas e/ou psicológicas, alterando padrões simples do cotidiano destes profissionais, ou de certo modo, refletindo em processos de adoecimento crônico, correspondendo ao absenteísmo e, conseqüente, perda na qualidade do atendimento (MIRANDA; STANCATO, 2008).

Torna-se necessário, portanto, investigar estes profissionais no seu ambiente de trabalho, para tentar identificar os principais riscos e as conseqüências destes na saúde do trabalhador, e por fim, no funcionamento do serviço hospitalar e no atendimento aos pacientes.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo principal identificar as doenças e os riscos ocupacionais da equipe de enfermagem da unidade de ortopedia de um hospital público no Maranhão, além de observar o uso de equipamentos de proteção

individual, acidentes de trabalho ocorridos no setor e as causas para o absenteísmo.

2 | MÉTODOS

O estudo é do tipo descritivo com abordagem quantitativa. Este tipo de estudo foca em descrever o fenômeno observado, ou ainda características de uma população ou fenômeno, enquanto que a abordagem quantitativa procura quantificar dados, opiniões, com diversas formas de coleta de informações (FREITAS; JANISSEK; MOSCAROLA, 2004; IZU *et al*, 2011).

O local de estudo foi a unidade de Ortopedia e Traumatologia de um Hospital Público no Maranhão, no período de abril a maio de 2015. Foram incluídos todos os enfermeiros e técnicos em enfermagem que atuavam na referida unidade e que aceitaram participar da pesquisa. Como critério de exclusão considerou-se os profissionais que não compreenderam e/ou não responderam ao questionário de maneira integral, e ainda os profissionais do setor que estavam afastados de suas funções. A amostra foi composta, então, por 20 Técnicos de Enfermagem e 6 enfermeiros.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado contendo duas partes: a primeira referia-se à caracterização do perfil sócio-demográfico-econômico dos profissionais investigados, relacionando idade, estado civil, sexo, profissão e tempo de carreira profissional; a segunda parte do questionário caracterizou rotina de trabalho, e investigou os riscos, uso de equipamentos de proteção individual, doenças ocupacionais, absenteísmo e acidentes de trabalho no setor.

A abordagem aos profissionais foi realizada em turnos diferentes (diurno/noturno), durante os plantões dos profissionais na unidade. Foi também realizado um levantamento retrospectivo sobre a incidência do absenteísmo e suas causas, no período de três meses anteriores ao início da coleta de dados, ocorridos entre os trabalhadores de enfermagem do setor estudado.

Atendendo-se às normas éticas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, todos os profissionais participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi aprovada pelo CEP sob o número 1.140.674.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados sobre as variáveis sociodemográficas, econômicas e sobre a carreira profissional dos enfermeiros e técnicos de enfermagem pesquisados podem ser observados na Tabela 1.

Em relação ao sexo, a maioria dos enfermeiros (66,7%), e técnicos em enfermagem (75,5%), pertence ao sexo feminino, com maior frequência de idade entre 20 e 30 anos dos enfermeiros, e 31 a 40 anos dos técnicos em enfermagem (Tabela 1). Para Ojeda *et al.* (2008), a prevalência feminina na enfermagem é uma realidade não só

na presente pesquisa, mas ilustra um perfil nacional e uma tendência mundial dessa profissão. Há necessidade de estudos que possibilitem evidenciar como determinados conhecimentos desta área vêm sendo socialmente construídos e como se articulam às relações sociais das práticas em Saúde.

A maioria dos enfermeiros (82,9%) tem mais de cinco anos de experiência profissional, sendo que 33,3% destes possuem mais de 10 anos de atuação, com 66,6% cumprindo uma carga horária semanal de 60 horas, e 83,3% apresentando outro vínculo empregatício. Com relação aos técnicos em enfermagem, 55% tem até sete anos de profissão e 30% entre 8 e 10 anos no mercado de trabalho, 40% possuem outro emprego e 65% trabalham até 40 horas semanais (Tabela 1). Observa-se com estes dados, de modo geral, que os enfermeiros pesquisados têm uma carga de trabalho maior, um segundo vínculo, além de ter mais tempo de experiência profissional, o que os expõem, provavelmente, a uma maior quantidade de riscos no ambiente de trabalho.

Enfermeiros			Técnicos em Enfermagem		
Variáveis	FA	FR (%)	Variáveis	FA	FR (%)
Idade			Idade		
20-30	3	49,5	20-30	5	25
31-40	1	16,7	31-40	11	55
41-50	1	16,7	41-50	1	5
>50	1	16,7	>50		15
Sexo			Sexo		
Feminino	4	66,7	Feminino	15	75
Masculino	2	33,3	Masculino	5	25
Estado Civil			Estado Civil		
Solteiro	3	50	Solteiro	6	30
Casado	3	50	Casado	12	60
União Estável	0	0	União Estável	2	10
Anos de Profissão			Anos de Profissão		
2-4	1	16,7	2-4	2	10
5-7	2	33,3	5-7	9	45
8-10	1	16,7	8-10	6	30
>10	2	33,3	>10	3	15
Carga Horária			Carga Horária		
30h	1	16,7	30h	9	45
40h	1	16,7	40h	4	20
60h	4	66,6	60h	7	35
Outro Vínculo Empregatício			Outro Vínculo Empregatício		
Sim	5	83,3	Sim	9	40
Não	1	16,7	Não	12	60
Total	6	100	Total	20	100

Tabela 1. Características sociodemográficas da equipe de Enfermagem da Unidade de Ortopedia em um Hospital Público do Maranhão.

Legenda: FA- Frequência absoluta; FR- Frequência relativa (porcentagem).

Quando indagados sobre os principais riscos ocupacionais que estão expostos no ambiente de trabalho, foi notado que todos (100%) os entrevistados referiram riscos biológicos, assim como 50% das duas categorias citaram os riscos químicos, e 83,3% e 75% dos enfermeiros e técnicos, respectivamente, citaram riscos físicos. Resultado diferente foi encontrado por Sulzbacheri e Fontanai (2013), quando apenas 3% dos 78 profissionais de enfermagem de um hospital geral do Rio Grande do Sul reconheceram os riscos químicos e 6% riscos físicos.

Apesar de compreender que as atribuições das duas categorias analisadas são diferentes, ambas as classes afirmaram estar expostas igualmente aos riscos químicos e biológicos. Os enfermeiros pesquisados afirmaram ainda que estão mais expostos aos riscos físicos e mecânicos do que os técnicos em enfermagem, resultado não esperado ao se observar as atribuições individuais, considerando que os técnicos em enfermagem parecem estar mais diretamente ligados aos cuidados prestados ao paciente no ambiente hospitalar. A percepção diferente aos riscos entre as categorias, na maioria, mais percebidos pelos enfermeiros, pode representar uma diferença do nível de conhecimento, ou ainda, pode ser o reflexo da maior experiência profissional e carga de trabalho destes profissionais.

Corroborando com o exposto acima, para Ribeiro e Shimizu (2007), ao enfermeiro cabem as atividades onde existem conhecimentos direcionados ao supervisionamento da equipe e execução de procedimentos mais complexos, enquanto aos técnicos em enfermagem competem desempenhar as atividades assistenciais. Segundo os mesmos autores, essa divisão tem como consequência o privilégio do enfermeiro, pois esse tem mais conhecimentos científicos, o que pode reforçar o provável motivo pelo qual os enfermeiros, nesta pesquisa, citaram estarem mais expostos aos diversos riscos no ambiente de trabalho.

Para Silva, Santos e Nascimento (2014), no sítio hospitalar há pluralidade de riscos, principalmente para os profissionais da enfermagem, com riscos psicossociais desencadeados pelo contato com o sofrimento do paciente, gerando estresse e fadiga mental.

Quando questionados sobre os riscos psicossociais relacionados ao ambiente de trabalho, foi observado que todos os enfermeiros relataram fadiga e estresse, enquanto que para os técnicos os valores foram 70% e 85% respectivamente para os dois sintomas (Figura 1). Esta informação pode ser relacionada e confirmada pelo entendimento de enfermeiros (100%) e técnicos (85%) quando afirmaram que suas atividades laborais causam algum desgaste físico e/ou emocional, considerando carga de trabalho, que pode gerar fadiga, além de relatos sobre desentendimentos com os colegas de trabalho durante os plantões, o que pode gerar outros pontos para o estresse.

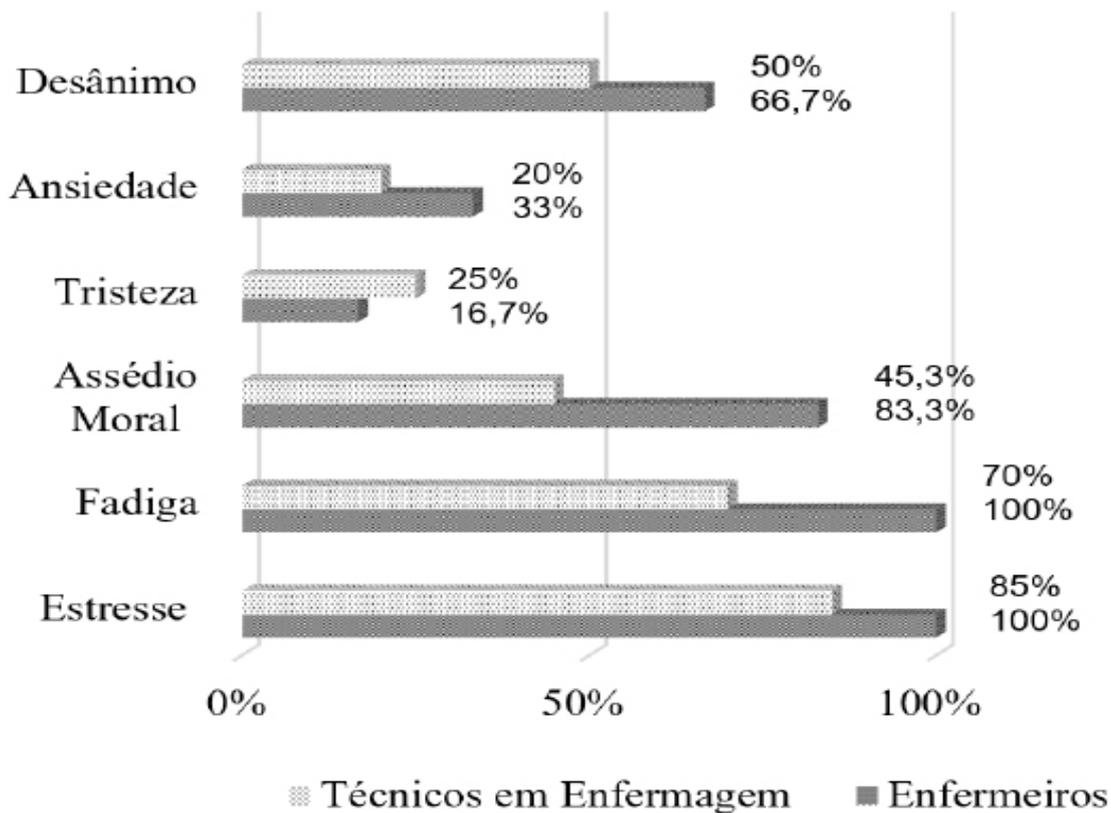


Figura 1. Principais riscos psicossociais relacionados ao ambiente de trabalho mencionados pela equipe de enfermagem no setor de Ortopedia em um Hospital Público do Maranhão.

Em concordância com os resultados apresentados na presente pesquisa, para Paschoalini *et al.* (2008), os efeitos dos agentes estressores apresentam intensidades variáveis em diferentes unidades de um mesmo hospital e que os enfermeiros referem maior intensidade dos estressores ocupacionais, em relação aos técnicos de enfermagem. Em contraposição, Urbanetto *et al.* (2011), relataram em seu estudo, que ser técnico de enfermagem, estar há muito tempo no cargo, juntamente com baixo apoio social, acarretam maior chance de ter alto desgaste e conseqüentemente maior risco para o adoecimento, o que de fato não foi observado na presente pesquisa, já que os técnicos tinham menor tempo de experiência profissional e carga horária semanal.

Pode-se compreender ainda, que a fadiga e o estresse, podem estar associados à síndrome de Burnout, considerada por Vieira (2013), como um desgaste total das energias individuais devido ao excesso de funções, apresentando sintomas como dificuldade de concentração, perda de memória, dificuldade em executar tarefas diárias e dores musculares. Já o estresse, em situações extremas, pode chegar a causar doenças cardíacas, dores generalizadas, ansiedade e depressão. Embora não tenha sido questionado sobre a referida síndrome, os enfermeiros poderiam ser considerados mais suscetíveis pela sobrecarga e combinação de maior carga horária, maior tempo de atuação e mais de um vínculo empregatício, além de informar em maior quantidade os sintomas de fadiga e estresse.

É importante destacar também que o assédio moral foi apontado por uma parcela

importante dos profissionais (83,3% dos enfermeiros e 45,3% dos técnicos) como risco psicossocial (Figura 1). Para Bobroff e Martins (2013), o assédio moral pode afetar a qualidade de vida dos trabalhadores, e pode levar a doenças físicas, psíquico-emocionais e sofrimento no trabalho. Outros riscos para doenças psicossociais também foram referidos pelos profissionais, tais como desânimo, ansiedade e tristeza, a última em menor proporção entre os enfermeiros (16,7%) e entre os técnicos em enfermagem (25%) (Figura 1).

Observa-se, portanto, que uma combinação de sentimentos e percepções como fadiga, estresse, desânimo, ansiedade e tristeza pode indicar um ambiente laboral com riscos, o que pode estar influenciando diretamente na qualidade de vida dos profissionais pesquisados. Confirmando os dados, os profissionais informaram mudanças no hábito de vida em decorrência do trabalho, com alteração no padrão de sono (66% dos enfermeiros e 80% dos técnicos), além de alteração na alimentação e vida social.

Em concordância com os resultados observados, Coelho *et al.* (2014), afirmaram que os profissionais da Enfermagem, em geral, transformam hábitos alimentares, alterando-os de forma negativa com a finalidade de uma adequação a esta rotina de trabalho, principalmente quando cumprem plantões noturnos.

No setor de Ortopedia pesquisado, 50% dos enfermeiros e 70% dos técnicos relataram apresentar cefaleia em algum momento, além de dores musculares e taquicardia. Resultado semelhante foi encontrado por Farias *et al.* (2011), relacionando tais sintomas como decorrência dos sintomas físicos do estresse.

Além das dores musculares, foram relacionados lombalgia, hérnia de disco, bursite, LER, escoliose, infecção no trato urinário, e hipertensão, citadas por 55% dos enfermeiros e 33,3% dos técnicos, como patologias decorrentes do trabalho relatadas pela equipe de enfermagem no setor de ortopedia, sendo que um mesmo profissional relatou mais de uma patologia. Murofuse e Marziale (2005), também evidenciaram a presença de doenças osteomusculares, destacando-se as dorsalgias e as sinovites e tenossinovites agrupadas como categoria LER/DORT.

Contribuindo para os resultados expostos, para a maioria dos entrevistados (100% dos enfermeiros e 90% dos técnicos em enfermagem), o hospital onde trabalham não oferece boas condições para realização dos procedimentos de forma adequada, tanto para os pacientes como para a equipe de enfermagem. Segundo os profissionais, algumas “falhas” na estrutura da unidade de ortopedia podem acarretar problemas de saúde, destacando-se a falta de iluminação adequada, que dificulta a realização de determinados procedimentos, como a colocação de acessos venosos periféricos, móveis e leitos com alturas inadequadas, dificultando a movimentação dos pacientes, podendo facilitar ou causar lombalgias e doenças osteomusculares referidas pelos profissionais do setor pesquisado.

Relacionando riscos, patologias ocupacionais e uso de EPIs, 50% dos enfermeiros e 70% dos técnicos em enfermagem afirmam usar os equipamentos com frequência,

enquanto os demais profissionais afirmam utilizá-los parcialmente. Dentre os EPIs mais utilizados referidos pelos profissionais da enfermagem se destacaram luvas e máscaras (100% dos profissionais), e toucas para todos os enfermeiros e 85% dos técnicos. Em contrapartida, uma parcela menor citou o uso de aventais, totalizando 33,3% dos enfermeiros e 45% dos técnicos que fazem uso desse equipamento importante para sua proteção, assim como apenas um profissional mencionou o uso de óculos.

A partir deste resultado, podemos observar que nesta pesquisa os profissionais de saúde não fazem uso de todos os materiais necessários para sua proteção. No setor pesquisado não existe um mapa de risco (em exposição) que ressalte os riscos e oriente o uso dos equipamentos pelos profissionais, no entanto, pela exposição aos riscos biológicos, físicos e ergonômicos, deveriam ser utilizados minimamente luvas, máscara, óculos.

Ressalta-se ainda que, quando questionados sobre os fatores determinantes para que ocorram acidentes de trabalho, foram mencionados fatores que não estavam necessariamente relacionados a não utilização dos EPIs. Para os enfermeiros, os principais fatores para acidentes no ambiente de trabalho são a falta de equipamentos, de ambiente adequado, insuficiência de recursos humanos e sobrecarga de trabalho (83,3%) (Figura 2). Já para os técnicos em enfermagem, além da falta de ambiente adequado (85%), falta de iluminação (80%), equipamentos e sobrecarga (65%), apareceram alterações de sono (55%) como os principais determinantes para acidentes (Figura 2).

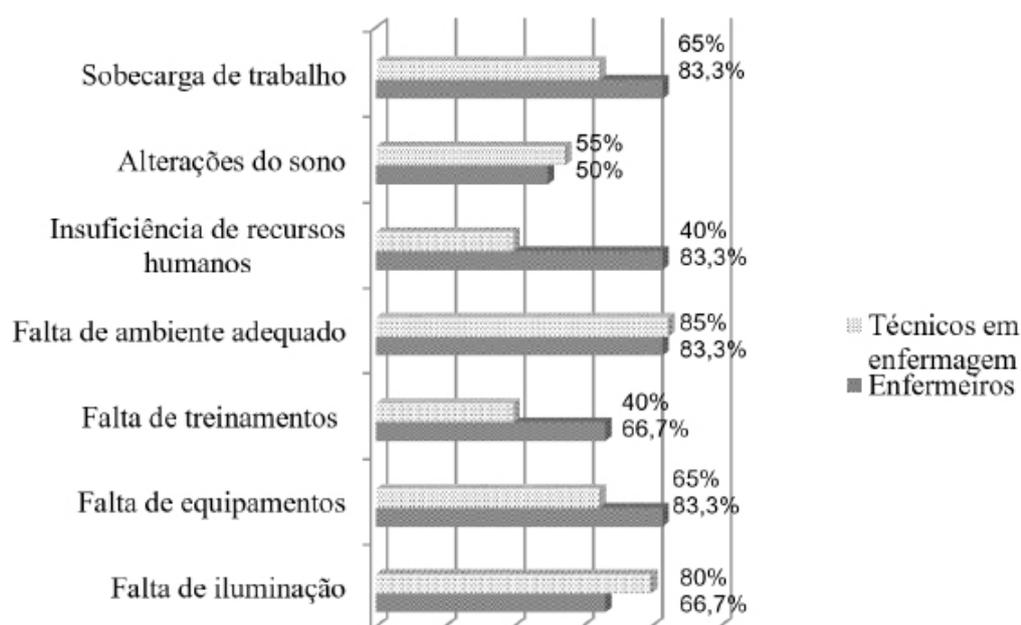


Figura 2. Fatores determinantes para que ocorram acidentes de trabalho, segundo relatos dos profissionais da equipe de enfermagem do setor de Ortopedia em um Hospital Público do Maranhão.

É claro que a falta de um ambiente adequado, com iluminação, equipamentos, mobília, são fatores primordiais para o acontecimento de acidentes de trabalho, pois dificulta a realização dos procedimentos de enfermagem. Observa-se, no entanto, que apesar dos fatores serem basicamente os mesmos, eles são referidos em quantidades diferentes pelas duas categorias, sempre em menor quantidade pelos técnicos. Inclusive, a falta de treinamento e a insuficiência de recursos humanos apresentam diferenças relevantes entre os profissionais pesquisados.

Considerando carga horária e tempo de profissão, na presente pesquisa, pode-se inferir que os enfermeiros pesquisados estão expostos aos riscos ocupacionais há mais tempo, correspondendo assim, a uma maior propensão a doenças ocupacionais e aos riscos de acidentes, além do fato que 83,3% dos enfermeiros possuem outro vínculo empregatício, o que pode gerar sobrecarga de trabalho. Segundo Schmoeller *et al.* (2011), a sobrecarga é um dos componentes do processo de trabalho que podem desencadear alterações, manifestando-se como desgaste físico e psíquico, potenciais ou efetivamente apresentados.

Gallas e Fontana (2010) consideram que a sobrecarga do profissional de enfermagem pode ser uma condição facilitadora para a ocorrência de acidentes, que associados com um número reduzido de trabalhadores da equipe de enfermagem, podem favorecer imperícias, imprudências e negligências nas práticas. Os pesquisadores acreditam que a observância de condições satisfatórias da área física ou da adequação de mobiliário, equipamentos ou outras condições com vistas à segurança do trabalhador e do usuário são de fundamental importância para possibilitar ambiências saudáveis.

Conforme Rocha e Martino (2010), como a enfermagem trabalha em turnos, essa sobrecarga de trabalho não favorece apenas o surgimento de distúrbios do sono, mas a diminuição dos estados de alerta do indivíduo. Como consequências têm-se o aumento dos riscos para ferimentos e acidentes de trabalho, com provável prejuízo da qualidade de vida destes trabalhadores, comprometendo a assistência prestada por esses profissionais.

Relacionando, portanto, sobrecarga, mais de um vínculo empregatício e ambiente de trabalho inadequados, 33,3% dos enfermeiros e 55% dos técnicos em enfermagem na presente pesquisa já sofreram acidentes durante seus plantões, inclusive com material contaminado (50% dos técnicos e 33,3% dos enfermeiros). Dentre os acidentes, apenas 33,3% dos enfermeiros e 45% dos técnicos notificaram a CCIH (Comissão de Controle de Infecção Hospitalar).

Segundo Ribeiro e Shimizu (2007), na enfermagem há uma maior exposição dos funcionários a cargas biológicas e a acidentes, ao manejar clientes com doenças transmissíveis e infectocontagiosas, feridas cirúrgicas (ou não cirúrgicas) contaminadas, ostomias e outras secreções humanas. Estão também expostos a riscos ao desenvolverem em suas atividades de limpezas, desinfecção e esterilização de materiais contaminados, além do número de microrganismos presentes em

seu ambiente de trabalho. Ainda para os autores, o agravante é a falta de EPI em quantidade e qualidade adequadas, falta de materiais de trabalho adequados, recipiente para descartar perfurocortantes, não treinamento do pessoal de enfermagem contra acidentes de trabalho. Verificou-se, através da observação, que a maioria dos trabalhadores resiste ao correto uso do EPI, aumentando os riscos a acidentes de trabalho.

Segundo Galdino, Santana e Ferrite (2012), as notificações, assim como as investigações dos acidentes de trabalho estão entre as principais condições para as ações de vigilância. Estímulos para a adaptação de uma rede com unidades notificantes devem se refletir nas ações de estruturação da rede hospitalar e de capacitação dos seus profissionais. Essas ações favorecem a consolidação das estratégias de implantação do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) e a continuidade das atividades desenvolvidas em busca da superação da grande subnotificação de acidentes de trabalho.

O ambiente de trabalho pode influenciar diretamente o desenvolvimento de doenças ocupacionais, além de dificultar o desenvolvimento de um trabalho adequado e com qualidade, promovendo em alguns casos o absenteísmo desse profissional, que se afasta de suas funções devido ocorrências de doenças relacionadas ao trabalho. O estudo retrospectivo das faltas dos profissionais do setor de ortopedia, constatou nos três meses anteriores à pesquisa, 14 faltas, destas, foram 5 faltas de enfermeiros e 9 dos técnicos. Já no período de realização da coleta de dados, foram 10 faltas, destas, 3 enfermeiros e 7 técnicos. Como motivações para as faltas, 62,5% dos enfermeiros e 68,4% dos técnicos, faltaram por motivo de doença, o que pode revelar o ambiente de trabalho como promotor ou influenciador do processo de doença dos profissionais. Os demais 37,5% e 31,5% de enfermeiros e técnicos, respectivamente, faltaram por motivo de acompanhamento de familiares.

Confirmando os resultados obtidos sobre os motivos para as faltas no trabalho, os estudos de Gehring Júnior *et al.* (2007), afirmaram que os fatores relacionados com o absenteísmo feminino vão desde a necessidade de cuidado dos filhos e das tarefas domésticas, até a maior suscetibilidade ao estresse e a problemas de saúde. Os autores apresentam ainda como consequências do fenômeno, a desorganização do trabalho em equipe, sobrecarga de trabalho, insatisfação dos trabalhadores, queda na qualidade e quantidade do trabalho realizado. Dessa forma são afetados os interesses da instituição e os direitos do trabalhador, bem como a relação de trabalho entre ambos.

4 | CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo mostram a importância dos fatores ambientais para as condições de saúde da equipe de enfermagem no setor de Ortopedia. Como

enfoque, as doenças ocupacionais referidas pelos profissionais estão associadas principalmente aos riscos do ambiente de trabalho, que abrange desde os pacientes atendidos, o contato com material biológico, medicamentos, até a estrutura física, a iluminação, a falta de treinamento, a insuficiência de recursos e falta de equipamentos adequados.

Os mais atingidos pelas doenças foram os profissionais que tinham duplo vínculo empregatício, maior carga horária e maior tempo de experiência profissional, com destaque para os enfermeiros. Segundo estes profissionais, os principais riscos no ambiente de trabalho são biológicos, químicos e mecânicos, apresentando sintomas de fadiga e estresse, acarretando patologias como as lombalgias e as doenças osteomusculares, o que pode facilitar, associada à sobrecarga trabalhista, o risco de ocorrências de acidentes, além de dificultar e minimizar o nível de alerta durante o trabalho, afetando o desenvolvimento do mesmo.

Torna-se necessário, portanto, traçar medidas destinadas a prevenção destas doenças e esclarecimento da equipe quanto às condições de saúde e ambiente de trabalho.

Esta pesquisa reforça a necessidade de conhecer os riscos a que estão expostos os profissionais de equipe de enfermagem, e utilizar de forma correta os equipamentos de proteção individual, para evitar a ocorrência de possíveis doenças ocupacionais e acidentes de trabalho, e para propor estratégias inovadoras na prevenção e controle dos riscos. Este estudo pode servir como base para propor estratégias de educação profissional, inclusive podendo ser utilizada pela CCIH, como base para ações de vigilância e monitoramento.

REFERÊNCIAS

ASCARI, R.; SCHMITZ, S. dos S; SILVA, O. M. **Prevalência de doenças ocupacionais em profissionais da enfermagem**: revisão de literatura. Revista UNINGÁ Review, v. 15, n. 2, p. 26-31, jul/set. 2013.

BATISTA, K. de M; BIANCHI, E. R. F. **Estresse do enfermeiro em unidade de emergência**. Rev. Latino-am Enfermagem, v 14, n.4, p.534-9, jul/ago. 2006.

BOBROFF, M. C. C.; MARTINS, J. T. **Assédio moral, ética e sofrimento no trabalho**. Rev. bioét, v. 21, n. 2, p.251-8, 2013.

CAMPOS, A. L. de A.; GUTIERREZ, P. dos S. G. A assistência preventiva do enfermeiro ao trabalhador de enfermagem. Rev. bras. Enferm, Brasília, v.58, n.4, jul/ago. 2005.

COELHO, M. P. *et al.* **Prejuízos nutricionais e distúrbios no padrão de sono de trabalhadores da enfermagem**. Rev. Bras. Enferm, Minas Gerais, v. 67, n.5, p.832-42, set/out. 2014.

FARIAS, S. M. de C. *et al.* **Caracterização dos sintomas físicos de estresse na equipe de pronto atendimento**. Rev. esc. enfermagem. USP, São Paulo, v.45, n.3, jun. 2011.

FREITAS, H.; JANISSEK, R. M.; MOSCAROLA, J. **Análise qualitativa em formulário interativo**:

rumo a um modelo cibernético conjugando análises léxica e de conteúdo. Congresso Internacional de Pesquisa Qualitativa. São Paulo, 2004.

GALDINO, A.; SANTANA, V. S.; FERRITE, S. **Os Centros de Referência em Saúde do Trabalhador e a notificação de acidentes de trabalho no Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 28, n.1, jan. 2012.

GALLAS, S. R.; FONTANA, R. T. **Biossegurança e a enfermagem nos cuidados clínicos: contribuições para a saúde do trabalhador**. Rev. bras. Enfermagem, Brasília, v. 63, n. 5, p. 786-792, set/out. 2010.

GEHRING JUNIOR, G.; CORREA FILHO, H.R.; VIEIRA NETO, J.D.; FERREIRA, N.A.; VIEIRA, S.V.R. **Absenteísmo-doença entre profissionais de enfermagem da rede básica do SUS Campinas**. Rev. bras. de epidemiol. [online], v.10, n.3, p.401-409, 2007.

IZU, M.; ANTUNES CORTEZ, E.; CAVALCANTI VALENTE, G. ROSA SILVINO, Z. **Trabalho noturno como fator de risco na carcinogênese**. Cienc. enferm, v.17, n.3, p. 83-95, 2011.

LEITÃO, M. T. de A.; FERNANDES, A. L.; RAMOS, I. C. **Saúde ocupacional: analisando os riscos relacionados à equipe de enfermagem numa unidade de terapia intensiva**. Cienc Cuid Saúde, v. 7, n. 4, p. 476-484, out/dez. 2008.

MARZIALE, M. H. P. *et al.* **Implantação da Norma Regulamentadora 32 e o controle dos acidentes de trabalho**. Acta paul. enferm, São Paulo, v. 25, n. 6, p. 859-866, 2012.

MIRANDA, É. J. P.; STANCATO, K. **Riscos à saúde de equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva: proposta de abordagem integral da saúde**. Rev. bras. ter. intensiva, [online], v. 20, n. 1, p.68-76, 2008.

MUROFUSE, N. T.; MARZIALE, M. H. P. **Doenças do sistema osteomuscular em trabalhadores de enfermagem**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 13, n. 3, p. 364-373, 2005.

NOGUEIRA, R. P. **Trabalho em saúde hoje: novas formas de organização**. In: Negri B, Faria R, Viana ALD, organizadores. Recursos humanos em saúde: política, desenvolvimento e mercado de trabalho. Campinas (SP): Unicamp.IE; p.257-273, 2002.

OJEDA, B. S. *et al.* **Saberes e verdades acerca da enfermagem: discursos de alunos ingressantes**. Rev. bras. enferm. [online], v.61, n.1, p.78-84, 2008.

PASCHOALINI, B. *et al.* **Efeitos cognitivos e emocionais do estresse ocupacional em profissionais de enfermagem**. Acta paul. enferm, v.21, n.3, p.487-92, 2008.

RIBEIRO, E. J. G.; SHIMIZU, H. E. **Acidentes de trabalho com trabalhadores de enfermagem**. Rev. bras. enferm, Brasília, v. 60, n. 5, p. 535-540, set/out. 2007.

ROBAZZI, M. L. do C. C.; MARZIALE, M. H. P. **A norma regulamentadora 32 e suas implicações sobre os trabalhadores de enfermagem**. Rev. Latino-Am. Enfermagem. [online], v.12, n.5, p.834-836, 2004.

ROCHA, M. C. P.; MARTINO, M. M. F. **O estresse e qualidade de sono do enfermeiro nos diferentes turnos hospitalares**. Rev. esc. enferm. USP [online], v.44, n.2, p.280-286, 2010.

SCHMOELLER, R. *et al.* **Cargas de trabalho e condições de trabalho da enfermagem: revisão integrativa**. Rev. Gaúcha Enferm. [online], Porto alegre, v.32, n.2, jun. 2011.

SILVA, G.A. SANTOS, C.R.S. NASCIMENTO, P.C. **Riscos ocupacionais a que estão expostos os**

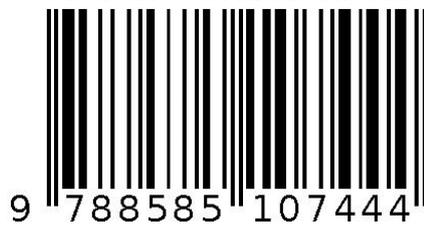
profissionais de enfermagem no ambiente hospitalar e fatores que favorecem a sua ocorrência. Disponível em: < <http://fis.edu.br/revistaenfermagem/artigos/vol02/artigo10.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2014.

SULZBACHERI E.; FONTANAI, R. T. **Concepções da equipe de enfermagem sobre a exposição a riscos físicos e químicos no ambiente hospitalar.** Rev. Bras. Enferm, Brasília, v.66, n.1, p.25-30, jan/fev. 2013.

URBANETTO, J. S. *et al.* **Estresse no trabalho da enfermagem em hospital de pronto-socorro: análise usando a Job Stress Scale.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.19, n.5, set/out. 2011.

VIEIRA, I. **Uma análise original da fadiga no trabalho.** Physis, Rio de Janeiro, v.23, n.4, p. 1359-1368, out/dez. 2013.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-44-4



9 788585 107444